

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

Territórios de criação em dança: Relações entre a universidade e a Escola de Samba Mirim Pica-pau do Loteamento Dunas

João Lucas da Cruz – Universidade de Pelotas - UFPel
Catia Carvalho – Universidade de Pelotas - UFPel

Resumo: O presente texto caracteriza-se por ser um relato de experiência da prática realizada no Projeto de extensão COREOLAB vinculado ao Curso de Dança-Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. Esse trabalho se deu por uma parceria do projeto com a Escola de Samba Mirim Pica Pau, onde foi trabalhado criação em dança coreografando a comissão de frente da Escola com crianças de 7 a 12 anos da comunidade Dunas na cidade de Pelotas, comunidade essa vista como marginal, os encontros aconteceram na Associação dos Moradores do Bairro Dunas concretizando ainda mais a parceria com a universidade e o bairro, criando assim um vínculo com mais uma comunidade de Pelotas.

Palavras – chaves: composição coreográfica; comunidade; docência em dança.

Introdução

O Loteamento Dunas é um território situado no bairro Areal, habitado por aproximadamente 20 mil moradores. Em 1987 e 1988 foram então entregues como posse os lotes das 03 primeiras ruas, das 29 de hoje, mais a Rua 29 fundos, uma ocupação que ainda não possui as condições mínimas de ambiência urbana (água, luz, lotes e ruas bem definidos), sendo atualmente um dos locais mais desfavorecidos dentro do Loteamento Dunas. Nesse contexto, como na maioria dos espaços situados nas periferias da cidade de Pelotas – RS, concentra-se pessoas com debilidades de infra-estrutura e de acesso a uma qualidade de vida digna. São altos os índices de violências, agressões, homicídios, suicídios e acidentes. Faltam condições de lazer e de acesso à cultura. Há baixa escolaridade e a exclusão e a falta de oportunidades são explícitas. O crime organizado vem se estruturando, de forma arrojada. O tráfico de drogas atinge jovens, adolescentes crianças e adultos como usuários ou agentes de sua distribuição. Em contrapartida, dentro desse panorama, surgem vários grupos culturais que inventam mil formas de criar no cotidiano. A partir do envolvimento comunitário, constroem suas práticas, seus campos simbólicos, seus conhecimentos próprios. Percebe-se na trivialidade e nas

dificuldades desse viver, a constituição de sujeitos de muita inventividade artesanal, os quais criam condições de existência e fazem arte do que está ao seu alcance. Assim, destacamos a Escola de Samba Mirim Pica-Pau, um grupo cultural que vem construindo laços de pertencimento e alternativas de lazer e sociabilidade no contexto do bairro. O Bloco Carnavalesco Mirim Pica-Pau surge em 2009 no Dunas, primeiramente fundado como Bloco a Agremiação passou a categoria de Escola de Samba Mirim, devido o decreto da então Secretária de Projetos especiais Claudia Ferreira, que transformou a categoria Bloco Infantil em Grupo de acesso mirim. A entidade é dirigida por moradores do Bairro e redondezas, pessoas que tem o Carnaval como uma paixão, alguns já participaram de outras agremiações, como a Verde e Rosa Ramiro Barcelos outros se formaram dirigentes e carnavalescos, junto a Escola Mirim Pica-Pau.

Relações e diálogos entre universidade e comunidade...

A Universidade Federal atua no bairro com dois projetos de extensão vinculados ao curso de dança licenciatura, os projetos “Dança no bairro” e o “COREOLAB”, uma parceria que se estabelece com o objetivo de levar a arte como ferramenta do pensar através da dança. O Projeto Dança no Bairro se insere no Dunas a partir do diálogo e parceria com o CDD (Comitê de Desenvolvimento do Loteamento Dunas) mediante ações de educação em dança para a comunidade. Ele nasce com a proposta de democratizar a prática da dança em sua diversidade a partir de elementos estéticos da cultura local. Num primeiro momento esse projeto de extensão consolida um grupo de dança local, titulado Tropa da Dança, formado por crianças e jovens que praticam Funk e Dança de rua. E mais adiante, a partir da demanda colocada pela comunidade, passa a ampliar sua atuação com o Projeto Coreolab, para dar suporte artístico e pedagógico à Escola de Samba Mirim Picapau. O COREOLAB (Laboratório de Estudos Coreográficos), trata-se de um projeto onde os acadêmicos do curso de Dança-Licenciatura são orientados a refletir, questionar e aprimorar seus processos artísticos por meio de múltiplas possibilidades de criação e investigação, inscritas nos mais distintos gêneros de

dança e seus inúmeros entrecruzamentos. Os projetos de extensão possibilitam ao acadêmico a experiência importantíssima de ir a campo e pôr em prática os conteúdos que aprende em sala de aula, transformando-os quando em diálogos com outros públicos. Essa dimensão dialógica torna-se um princípio que interfere no modo de formação do docente que ensina ao mesmo tempo que aprende, fazendo revezamentos entre prática e teoria. É preciso, por parte da Universidade, apresentar concepção do que a extensão tem em relação a comunidade em geral. Colocar em prática aquilo que foi aprendido em sala de aula e desenvolvê-lo fora dela. A partir do momento em que há esse contato entre o aprendiz e a sociedade beneficiada por ele, acontece por parte dos dois lados, benefícios. Aquele que está na condição do aprender acaba aprendendo muito mais quando há esse contato, pois, tornase muito mais gratificante praticar a teoria recebida dentro da sala de aula. Esse é o conceito básico de extensão. (Rodrigues,Prata,Batalha, 2013, p.142) Essa síntese do que é extensão que as autoras nos falam, demarca o papel dos projetos dentro da comunidade, seu êxito se dá pela cumplicidade entre a comunidade e a universidade.

Relatos de experiências docentes: processos de criação em danço com as crianças carnavalescas

A partir de um convite da Escola de Samba Pica-Pau para Catia Carvalho coordenadora do projeto Dança no bairro e também uma das coordenadoras do projeto COREOLAB surgiu a parceria dos projetos de extensão e da direção da entidade carnvalesca. E assim, através dos acadêmicos extensionistas vinculados aos projetos: Carolina Portela e João Cruz, começou-se um trabalho coreográfico para a comissão de frente. O interesse das crianças da comunidade foi se construindo ao longo do processo, o qual foi dinâmico e evolutivo. Assim, já com o samba enredo que seria usado para o desfile em mãos os professores/voluntários iniciaram a construção de uma coreografia que foi criada em dois ensaios, logo em seguida essa coreografia tomou corpo no corpo das meninas A organização das aulas foram aquecimento, montagem da coreografia e no final uma música para

descontração e dança livre. Iniciamos com 8 meninas, em seguida o mascote da escola começou a frequentar os ensaios, assim, colocamos uma participação do mascote na coreografia. No processo foram feitas mais duas reuniões para definição da data do desfile no bairro e a escolha do figurino, onde desenhei o modelo e junto com a professora coordenadora do projeto visitamos algumas lojas de tecido para orçamento, após informamos a direção da escola para a confecção dos mesmos. Foram feitas outras reuniões com a direção do bloco para pré determinado alguns objetivos, em reunião foi decidido que o bloco não participaria do carnaval de 2018 por estar em transição de bloco para escola de samba mirim, mas haveria um desfile especial na comunidade para os moradores fazendo com que todo trabalho até então não fosse perdido e que esta experiência seria um preparatório para a escola pensando no carnaval do próximo ano. O primeiro ciclo da parceria foi finalizado no dia vinte e cinco do mês de fevereiro, com o desfile no bairro, onde desfilaram 12 meninas participantes da comissão de frente e o mascote. Com o acompanhamento da corte, bateria e alguns foliões que irão compor o desfile.

Considerações finais

Para nós discentes vivenciar toda essa experiência é colocar em prática toda a pedagogia que aprendemos em sala de aula, mesmo se tratando de uma escola de samba, temos a extensão no sua mais pura essência, relativizar e conceituar autores nestes casos de atuação direta na comunidade é talvez o ato pedagógico mais difícil que possamos fazer, pois a extensão neste caso dos projetos COREOLAB e Dança no bairro que são de atividades diretas sem muita reunião dentro do projeto, teorizamos ali no ato direto com a atividade feita. Paulo Freire chama esse ato de práxis pedagógica, dizendo que teoria e prática andam lado a lado, esta ação possibilita ao educador refletir sobre a prática dele ali no ato sem levar para uma discussão mais formal. “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (FREIRE, 1987, p. 38). Logo, para nós educadores da dança é um ato quase que costumeiro refletir e teorizar em aula durante e depois de cada atividade. Esse processo se desenvolveu a partir de ações para intervir

educativamente com organizações locais, criando redes de discussão e reflexão, buscando relações solidárias e dialógicas entre pessoas e grupos culturais na vivência das práticas da arte, da cultura e do lazer como alternativas de formação humana e de valorização da vida. De tal modo, procuramos potencializar as relações com as crianças e os jovens e do bairro para garantir o acesso aos conhecimentos em meio à diversidade cultural, aos espaços-tempos de lazer que proporcionam encontros e processos de socialização, à educação e à cultura, ao respeito e à liberdade de expressão, reconhecendo o outro como legítimo na convivência. Através desses territórios criados pela prática extensionista no bairro, a dança acontece como elemento aglutinador, onde a criação artística se torna viva num processo de uma coletividade. Nesse contexto, concebemos o campo da arte, da cultura e do lazer como ponte para a formação de novos espaços educativos construídos por meio das interações prazerosas, aquelas que movem os sujeitos a transformar o desejado em algo possível, fortalecendo seu poder de escolha, ampliando sua capacidade criativa e contribuindo para administrar os seus desafios cotidianos dentro de uma coletividade vivida. Através de práticas artístico-culturais, atividades lúdicas e de lazer, abrem-se espaços à elaboração de saberes, identificados com o ser e o viver, favoráveis à construção de uma sociedade mais justa, resgatando valores que respeitem as diversidades culturais (gênero, etnia, geração, religião, etc), estimulando as trocas solidárias, a integração social e o desenvolvimento de laços afetivos. As vivências lúdicas e artísticas ajudam assim, a tornar os espaços públicos no entorno de onde moramos enquanto campos de encontros, diálogos, de amizades, de experimentação, de sociabilidades, que afetam modos de existência e de conduta. Por isso, é importante operar com essas práticas culturais e os conhecimentos a partir delas produzidos, atribuindo significados entre quem conhece e aquilo que vai ser conhecido, para que cada pessoa se reconheça naquilo que faz, se sinta pertencente e acolhida em seu bairro, e que assim, crie condições de coletivamente construir uma comunidade que valoriza e luta pela vida sonhada.

Referências

CERTAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer.* 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido.* 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MANCHUR, J; SURIANI, A.L.A; CUNHA, M.C.; *A CONTRIBUIÇÃO DE PROJETOS DE EXTENSÃO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE GRADUANDOS DE LICENCIATURAS.* Revista Conexão UEPG. Ponta Grossa. v.9, n.2. p. 334-341, julho -dezembro 2013.

RODRIGUES, A.L.L; PRATA, M.S.; BATALHA, T.B.S.; *CONTRIBUIÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA SOCIEDADE*. Cadernos da graduação – Ciências Humanas e Sociais. Aracaju. v.1, n.16. p.141-148, março 2013.